



O Jardim Sem Muros, um Tesouro Rico e Malseguro

Sérgio Paulo Muniz Costa*

O artigo reverencia as lutas de brasileiros e portugueses contra os invasores holandeses na Bahia, episódio marcante da formação da Nacionalidade Brasileira.

A Baía de Todos os Santos, uma das maiores baías naturais do mundo, é internacionalmente famosa pela sua beleza e por abrigar a cidade de Salvador. Ao contemplar panorama tão agradável, o visitante percebe também os sinais da História. Fortes, marcos, muralhas e antigos edifícios se misturam à modernidade e à natureza, lembrando a época na qual a Guerra dos Trinta Anos na Europa escreveu a sangue o endereço do Brasil, como observou o sociólogo Gilberto Freyre.

Desde os primórdios da colonização, a terra descoberta foi alvo de disputa por parte de várias potências marítimas. Antecipando-se às demais, Portugal, a potência naval des-

cobridora, deu início ao processo colonizador, através do sistema das capitanias hereditárias. Nos meados do século XVI, o Rei de Portugal julgou ser conveniente a implantação de um governo-geral nas novas terras. Em 29 de março de 1549, acompanhado de colonos, soldados, funcionários e religiosos, Tomé de Souza, um dos soldados mais prestigiados de Portugal, aportou na vila do Pereira, sendo recebido por Caramuru e sua gente.

A necessidade de defender a nova terra descoberta transplantou, para o Brasil, uma antiga instituição lusitana, a Nação em Armas, oriunda do permanente enfrentamento do mouro hostil na Península Ibérica. A nação portuguesa era um potencial acampamento militar, pronta a se erguer em armas, para enfrentar qualquer perigo. No Brasil Colô-

* Tenente-Coronel de Artilharia e Estado-Maior do Exército, sócio-efetivo do IGHMB.

nia, a segurança foi proporcionada pelas ordenanças, milícias e tropas regulares, envolvendo todos os habitantes, independente de raça, credo ou posição social.

Com a evolução da arte da guerra, as fortificações cresceram de importância. Dotadas de canhões, dominavam portos e estradas, tornando-se peças fundamentais na defesa das cidades e das populações. A criação, no final do século XVII, de uma “Aula de Fortificação no Brasil” atribuiu um novo papel às fortificações: o de escola de formação de artilheiros no Brasil, inaugurando o ensino da arte militar nas Américas.

A formação da nacionalidade brasileira teve um impulso decisivo com as lutas contra o invasor holandês, iniciadas na Bahia, em 1624, e encerradas em Pernambuco, trinta anos depois. Razões culturais, políticas e econômicas inspiraram a resistência dos patriotas de todas as raças que se caldeavam na emergente nacionalidade.

No dia 8 de maio de 1624, uma esquadra holandesa composta por 26 navios, armados com 500 canhões, comandada pelo Almirante Jacob Willenkens, surgiu defronte a Salvador. No dia seguinte, enquanto a maioria dos navios duelava com as fortalezas, cinco belonaves inimigas desembarcaram, nas proximidades do Forte de Santo Antônio, uma força de 1.500 homens. As fortificações, apesar de seu pequeno valor defensivo, continuavam a cumprir sua missão, sustentando cerrado fogo contra a esquadra batava, tentando evitar outros desembarques.

Na noite do dia 9 de maio, depois da queda do Forte do Mar, a população e a guarnição abandonaram Salvador. Enquanto o Coronel Van Dorth assumia o governo da cidade, os baianos levantavam o Arraial do Rio Vermelho, nova sede do Governo-Geral do Brasil e pólo de resistência ao invasor.

Para combater o inimigo, os patriotas se utilizaram de uma nova forma de luta, a “guerra brasílica”, levada a efeito pelas companhias de emboscadas que, atuando continuamente, acucaram os holandeses dentro do perímetro defensivo cidade, a essa altura aumentado pelo dique do Tororó, construído pelos sitiados. No dia 17 de junho, o próprio Governador holandês, Coronel Van Dorth, ao ir inspecionar o Forte do Monte Serrat, foi morto numa emboscada.

Paralelamente, os luso-brasileiros apertavam o cerco à cidade, ocupando pontos fortes em Itapagipe, Praia Grande, Porta de São Bento, Ermida de São Pedro e na Estrada do Rio Vermelho.

O frota de socorro de Portugal e Espanha chegou a 22 de março de 1625. A esquadra, a maior que já viera à América, era composta por cinquenta e dois navios de guerra, armados com 1.185 canhões, e transportando 12.563 homens. Desembarcaram no Porto da Barra quatro mil homens, que ocuparam os conventos do Carmo e São Bento. O cerco aos holandeses foi fechado pelas Palmas e pelo Carmo, levando o inimigo à rendição, no dia 30 de abril. Três semanas depois, surgiu a esquadra de socorro holandesa que, vendo a poderosa frota luso-espanhola fundeada no porto de Salvador e as fortificações em mãos ibéricas, tomou o rumo da Paraíba e, daí, seguiu para o Caribe.

A guerra trouxe gravíssimos prejuízos à cidade que, durante muitos anos, ainda se ressentiria do enorme saque sofrido. Custou caro a imprudência em relação à defesa da Bahia, vaticinada por Braz Garcia de Mascarenhas, quatro anos antes da invasão, no poema Viriatio Trágico:

*“Desta cidade ilustre em bazarrias,
Da Nova Lusitânia a nova corte,*

*Julguei que era o Brasil jardim
[sem muro,
Tesouro rico, porém malseguro.]*

Depois da partida da armada restauradora, ficou, na cidade, um Terço composto de dez companhias de cem homens, a primeira tropa regular na Bahia.

Não tardaria muito o novo chamado às armas. Em 1627, o corsário Pieter Heyen incursiona no Recôncavo Baiano. Entre março e junho fez presas na Bahia de todos os Santos, duelando seguidamente com os defensores, tendo sido ferido, num desses encontros, o próprio Heyen. No dia 12 de junho, ao retornar de uma de suas rapinagens, descendo o Rio Pitanga, teve a passagem de seus navios bloqueada por mosqueteiros comandados pessoalmente pelo Governador, D. Diogo Luis de Oliveira. No combate que se seguiu, os holandeses conseguiram escapar com dificuldade, custando, aos defensores, a vida, dentre outros bravos, do Capitão Francisco Padilha, comandante de uma das companhias do Terço da Bahia. Pieter Heyen decidiu se fazer ao mar, não voltando jamais ao Brasil. Salvador não era mais um jardim sem muros.

A guerra prosseguiria com uma nova invasão holandesa, desta vez em Pernambuco. Depois de resistir durante quinze dias ao ataque de mais de três mil homens desembarcados da frota de 50 navios, comandada pelo Almirante Hendrick Loncq, Recife foi ocupada, a 3 de março de 1630. A estratégia holandesa de domínio do Atlântico Sul colimava, dessa vez, uma próspera capitania hereditária, menos defendida do que a Bahia e dotada de excelente porto natural, o de Recife, capaz de abrigar considerável esquadra pronta a incursionar em qualquer ponto do saliente brasileiro.

A resistência dos patriotas pernambucanos foi violenta. Logo de início, a exemplo do que ocorrera na Bahia, organizaram a defesa no interior, fundado o lendário Arraial do Bom Jesus. No entanto, o invasor carreou meios cada vez maiores para a guerra, aumentando paulatinamente seus domínios, até atingir o Rio Grande do Norte e Sergipe. À medida que aumentavam as conquistas holandesas, consolidadas pela habilidade política de Maurício de Nassau, parecia a todos que o invasor era invencível.

No entanto, os holandeses, apesar de triunfarem seguidamente nos encontros com os patriotas, não conseguiam vencê-los decisivamente. A resistência em Pernambuco estava apoiada na Bahia, que estava ligada à região invadida pelo vasto e inóspito sertão e possuía, também, um vasto porto natural capaz de abrigar uma grande esquadra: Salvador.

Maurício de Nassau compreendeu então o erro de concepção estratégica que os holandeses haviam cometido. Não haveria condições de se consolidar a posse de Pernambuco enquanto os holandeses não dominassem Salvador, a capital do Estado do Brasil. A Salvador acorriam os reforços vindos de outros pontos do País e ali também aportavam as esquadras ibéricas vindas da Europa para concertarem suas ações com as forças terrestres regulares e irregulares que operavam contra o invasor.

O cálculo da Companhia das Índias Ocidentais, que estimavam uma guerra colonial rápida pelo domínio de uma região da América Portuguesa dissociada das demais e povoada por bárbaros e selvagens indiferentes ao colonizador, mostrara-se tremendamente equivocado, quer na concepção geopolítica, quer na percepção psicossocial da América Portuguesa. O Brasil-Colônia do século

XVII, alicerçado numa notável unidade geográfica, já esboçava uma consistente unidade cultural expressa na língua, na região e no caldeamento étnico.

Tropas paulistas embarcavam, em navios portugueses e espanhóis, para desembarcar em território dominado pelo inimigo. Os colonos do Espírito Santo resistiam furiosamente aos ataques holandeses. Negros comandados por Henrique Dias e índios liderados por Felipe Camarão se excediam em bravura e em dedicação à causa da expulsão do invasor. Traidores eram julgados, não pelas autoridades coloniais portuguesas, mas implacavelmente punidos pelos próprios habitantes indignados. Por todo território ocupado latejava a revolta contra a submissão a uma cultura estranha movida por um desígnio espoliador. A guerra era geral e os holandeses compreenderam que teriam que conquistar o coração do Brasil da época: Salvador.

A 16 de abril de 1638 a frota holandesa, composta por 40 navios e transportando 5.000 homens, penetrou na Baía de Todos os Santos, indo fundear na praia de Nossa Senhora de Escada. O local do desembarque indicou que o agressor investiria a Porta do Carmo. A população, que não esquecera o que acontecera à cidade, quando a abandonara ao invasor, em 1624, reagiu indignada à proposta do Conde Bagnolo de deixar o inimigo para encerrá-lo no seu interior. A intervenção do governador, do bispo e de Duarte de Albuquerque, prometendo que a cidade seria defendida, tranqüilizou a população. Um grupamento constituído pelos veteranos de Pernambuco, pelo Terço Novo da Bahia e pelos homens de Luís Barbalho se desdobrou para a defesa da trincheira de Santo Antônio Além-do-Carmo. Na noite de 21 de abril, os holandeses atacaram a trincheira, sem obter

sucesso, perdendo duzentos homens. Enquanto os holandeses consolidavam suas posições na Península de Itapagipe e em Água de Meninos, Luís Barbalho construiu sobre a elevação, no flanco direito da trincheira de Santo Antônio Além-do-Carmo, um reduto fortificado que barrava a estrada do contorno que demandava a Quinta dos Padres e de onde enxergava o acampamento das tropas de Nassau. Paralelamente, os patriotas, liderados por chefes experimentados na “guerra brasílica”, como Henrique Dias, Francisco Rabello, Vidal de Negreiros, Felipe Camarão, Sebastião do Souto e o próprio Luís Barbalho, intensificaram a guerrilha ao inimigo.

Depois de reconhecerem detalhadamente o terreno e de bombardearem, durante vários dias a cidade, os holandeses, ao cair da noite de 18 de maio de 1638, atacaram a trincheira de Santo Antônio do Além-do-Carmo. O inimigo atacou-a pelas escarpas de Água de meninos e pela Ladeira da Água Brusca, empregando três mil homens, ao mesmo tempo em que a esquadra duelava com as fortificações na Vitória e na Barra. Os atacantes, apoiados por intenso fogo de mosquetes e artilharia e empregando granadas e artifícios iluminativos, escalavam os parapeitos da trincheira, para se engalfinharem com os defensores que lutavam com todas as armas de que dispunham. Por volta das vinte horas a luta corpo-a-corpo chegara às Portas do Carmo. Tornado evidente o ponto de esforço do inimigo, os baianos ali concentraram todos os homens disponíveis. É nesse momento que se dá a intervenção decisiva. Luís Barbalho, do alto da colina que dominava o campo-de-batalha, se precipita com seus homens, com enorme alarido, sobre a retaguarda da força atacante holandesa. Surpreendidos por aquele

contra-ataque em sua retaguarda, os holandeses vacilam e perdem a impulsão no seu ataque. Era o fim do sonho batavo de conquistar Salvador. Amargando a perda de quinhentos homens mortos, mais de setecentos feridos e 60 prisioneiros, Maurício de Nassau, sem conseguir se manter por mais tempo na Bahia, a 26 de maio de 1638 embarcou de volta a Recife.

A batalha por Salvador, travada entre abril e maio de 1638, foi o ponto de inflexão na Guerra Holandesa. Quebrou-se o mito da invencibilidade holandesa e criou-se a mística da indomável Salvador, aonde continuariam a se abrigar em segurança as esquadras ibéricas de socorro, e de onde continuariam a fluir homens, armas, ordens e recursos para a inevitável Insurreição Restauradora. Dez anos depois, no dia 19 de abril de 1648, muitos daqueles veteranos que pelejaram nas muralhas de Salvador, acorreriam ao Altar da Pátria, os Campos de Guararapes, para dar o golpe decisivo no invasor. Ainda seriam precisos mais alguns anos, antes que o inimigo, cercado e faminto em Recife, se ren-

desse, assinando a capitulação na Campina do Taborda, em 26 de janeiro de 1654.

Estava finda a Guerra Holandesa que, durante trinta anos, assolou o Brasil. A colônia entraria agora numa das fases mais prósperas de sua recente existência, fortificada, não mais um jardim sem muros, mas, sim, um tesouro rico e seguro.

São de Pedro Calmon as palavras sobre o Brasil restaurado:

"Mas já não era igual ao Brasil de há trinta anos antes."

"Uma profunda modificação moral fora o vestígio deixado pela campanha árdua, a marca dos seus ásperos trabalhos, o seu legado: no ir e vir das marchas, ao calor das refregas, na paixão dos levantes, na dor dos êxodos, na continuidade dos sacrifícios e na exaltação das vitórias se compuzera — em linhas inconfundíveis — um espírito nativista capaz de independência, de reivindicações inesperadas, de afirmações definitivas. Pondo-se fora o holandês, metera-se no Brasil o brasileiro: é a sutil resultante de uma campanha aparentemente concluída." □

Faça a Sua Revista Conosco!

**OFERECEMOS AUTOFINANCIAMENTO PARA
SUAS PUBLICAÇÕES: TEMOS EXPERIÊNCIA EM REVISTAS
MILITARES, COM MÉTODOS
MODERNOS DE DIAGRAMAÇÃO.**

CONSULTE-NOS SEM COMPROMISSO PELO TELEFONE E FAX

(021) 201-9009 Fax: (021) 581-7869

ENREVISTAS PROD. GRÁF. E PUBL. LTDA.

SANBRA. UMA DAS MAIORES EXPORTADORAS NACIONAIS DO SETOR PRIVADO.

Entre os seus principais produtos de exportação estão fibra de algodão, café, óleo de mamona e derivados, ácidos esteáricos, ácidos graxos, farelo de algodão, óleo de algodão, farelo de soja, óleo de soja, farinha de soja, proteína isolada de soja, proteína concentrada de soja, proteína vegetal texturizada, lecitinas de soja e gorduras hidrogenadas.



SANBRA
SOCIEDADE ALGODOEIRA DO
NORDESTE BRASILEIRO S.A.

Avenida Maria Coelho Aguiar, 215
Bloco D - 5º ao 8º andares
CEP 05804 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 545-1122
Telex: 011-37885 - SANB - BR - Brasil